

LITERATURAS: ESCRITA E EM LÍNGUA DE SINAIS. DIÁLOGOS POSSÍVEIS?

LITERATURES: WRITTEN AND IN SIGN LANGUAGE. POSSIBLE DIALOGUES?

Fabiana Ferreira Braga Madeira¹, Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos²

¹ *Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil*
<https://orcid.org/0000-0002-5758-9974>
fabifbraga@gmail.com

² *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
<https://orcid.org/0000-0001-6439-748X>
danielle@letras.ufrj.br

Resumo

1 A proposta do tema Literatura escrita e Literatura em língua de sinais, nasceu das aulas de Literatura na Pós-graduação em Ensino, tradução e Interpretação de Libras na UFRJ. O artigo em questão é fruto do trabalho final de curso. A presente pesquisa constitui-se por uma revisão bibliográfica de literatura e criação de uma proposta de ensino que dialoga entre o uso da Literatura em formato escrito e a natureza própria da Literatura em Língua de Sinais. As referências dialogam com Platão (427 a.C.), Santo Agostinho (354 d.C – 430 d. C.) até Stutton-Spence (2021) para tratar os conceitos teóricos das literaturas abordadas. O objetivo da pesquisa concentra-se em apresentar uma proposta de ensino de Literatura para surdos trabalhando com a Literatura escrita em língua portuguesa e a literatura em língua de sinais – Língua Brasileira de Sinais. O estudo investiga os conceitos acerca da literatura surda, literatura para os Surdos, verifica como foi abordado o ensino de Literatura para pessoas surdas. Principalmente, pretende-se, responder às perguntas qual é o lugar estabelecido pelo ensino de Literatura na Educação de pessoas Surdas, principalmente a partir do segundo segmento do ensino fundamental até o ensino médio, chegando ao ensino superior? Além de propor caminhos mais assertivos para a relação da pessoa surda com o mundo literário escrito por meio da leitura, interpretação textual e para o ensino de Literatura.

2 Palavras-chave: Literatura, Literatura em Língua de sinais, Ensino.

3

4

Abstract

The proposal of the theme Written Literature and Literature in Sign Language, was born from the Literature classes in the Postgraduate in Teaching, Translation and Interpretation of Libras at UFRJ. The article in question is the result of the final course work. The present research consists of a literature review, critical analysis of the chosen texts and creation of a teaching proposal that dialogues between the use of Literature in written format and the very nature of Literature in Sign Language. The references dialogue with Plato (427 BC), Saint Augustine (354 AD – 430 AD) until Stutton-Spence (2021) to address the theoretical concepts of the literatures addressed. The objective of the research focuses on presenting a proposal for teaching Literature for the deaf working with Literature written in Portuguese and literature in sign language - Brazilian Sign Language. The study investigates the concepts about deaf literature, literature for the Deaf, verifies how the teaching of Literature for deaf people was approached. Mainly, it is intended to answer the questions: what is the place established by the teaching of Literature in the Education of Deaf people, mainly from the second segment of elementary school to high school, reaching higher education? In addition to proposing more assertive ways for the deaf

person's relationship with the written literary world through reading, textual interpretation and for the teaching of Literature.

Keywords: Literature, Literature in Sign Language, Teaching.

5 O CONCEITO DE LITERATURA E A LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS

Etimologicamente, a palavra literatura é oriunda do latim *littera*, que significa letra. Tal palavra representa: comunicação, linguagem, e criatividade, as manifestações artísticas do ser humano. Desde a antiguidade, várias reflexões acerca da obra poética teciam definições de Literatura. Uma das mais antigas é a de Platão, filósofo grego que viveu no século IV a. C.

Para tal pensador, a arte da palavra é a mimesis ou mimesis - uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras – uma das características pensadas em torno da poesia. Nesse sentido, o conceito de Literatura pode ser entendido como arte da palavra. Evidente, partimos de um conceito do mundo ocidental para nortearmos o nosso pensamento teórico sobre a Literatura. Entretanto, podemos entender que diversos outros tipos de Literatura circundaram em todo o mundo não sobrepondo um ao outro.

Em Platão (427 a.C) surge pela primeira vez o conceito de teoria da literatura em sua obra - A República (370 a.C). Tal obra representa um exemplo pragmático da teoria e da crítica literárias desenvolvidas por ele em que opera uma revisão e uma reformulação dos conceitos tradicionais de poesia, que trouxeram contribuições relevantes para a formação do pensamento literário, tais como o de que a Literatura pode variar de acordo com o interesse de seu objeto de estudo, e com os contextos sociais e culturais da época em que vivemos.

A República, Platão utiliza a palavra “mímese” (em grego, μίμησις) duas conotações: a primeira indicando a prática do poeta na utilização da 1ª pessoa para contar histórias, falando como se fosse ele próprio a personagem que fala; a outra designando a ação do artista ao representar artisticamente seres do mundo sensível.

Dialogando com Culler (1999), podemos observar a seguinte indagação: “O que é a literatura e tem ela importância?” A partir desse questionamento, é gerada uma expectativa ao leitor ao ler o *continuum* textual, de que o autor irá responder a tal indagação. Entretanto, de forma adversa a expectativa, talvez, propositalmente posta,

Culler engendra a uma reflexão do que torna um texto literário, como podemos observar no excerto abaixo:

O que é literatura?” poderia também ser uma pergunta sobre as características distintivas das obras conhecidas como literatura: o que as distingue das obras não-literárias? O que diferencia a literatura de outras atividades ou passatempos humanos? Agora, as pessoas poderiam colocar essa questão porque estariam perguntando a si mesmas como decidir quais livros são literaturas e quais não são..” (CULLER, 1999, p. 28)

Como podemos observar, o crítico literário utiliza em sua retórica a reflexão a sobre a impossibilidade que temos de sacramentar um conceito de literatura, entendida como um ato de fala que contrasta com outros tipos de atos de fala e o que a diferencia dos demais textos.

O autor chama atenção para a presença de elementos da literariedade que servem para atraí-la a atenção para as estruturas que seriam essenciais nas obras literárias. A literariedade é marcada um conjunto de características específicas – linguísticas, semióticas, sociológicas - que tornam o texto literário. A rima e o ritmo são exemplos: “ A rima, marca convencional da literariedade, faz com que você repare no ritmo que estava ali desde o começo.” (CULLER 1999, p.36).

Nesses parâmetros, Culler (1999) define cinco pontos relevantes que nos auxiliam a entender as marcas do literário: a literatura como a colocação em primeiro plano da própria linguagem; a literatura como integração da linguagem; a literatura como ficção; literatura como objeto estético e a literatura como construção intertextual ou autorreflexiva.

A reflexão subsequente, é inspirada na aula magna de Barthes no Collège de France¹ pensando a relação entre a linguagem e portanto, a literatura, a partir da ideia do: o poder como, *libido dominandi* – termo utilizado por Santo Agostinho (354 d.C – 430 d.C), por se constituir de um vício humano em dominar e controlar cada aspecto da vida alheia. Em suas obras: Confissões e Cidade de Deus quanto em vários escritos e sermões, notadamente sobre casamento e concupiscência, Santo Agostinho retoma diversas vezes o tema desejo sob o qual emprega a palavra *libido*, tal como em *libido dominandi* que consiste em experimentar o desejo pelo poder

¹ Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Editora Cultrix. São Paulo.

(AGOSTINHO, s.d., p. 352).

De acordo com Barthes (1977), o poder não é único. Representa tanto um objeto político quanto também ideológico. O poder está em toda parte, nas modas, nas artes, nas falas... O poder está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando fora do locus de poder.

O objeto em que se escreve e se inscreve o poder é a linguagem humana – uma legislação, ou mais especificamente, a língua, pois ela é o código pelo qual nos comunicamos. O poder que reside na língua é imensurável. Ou seja, a língua é um instrumento de poder e obrigar, destinar ou esperar que a pessoa surda escreva em sua segunda língua como se fosse a primeira é uma falha social excluente.

William C. Stokoe *in* Bauman, Nelson e Rose (2006) nos apresenta o conceito de língua para as pessoas surdas:

Quando, em 1960, ficou claro que a American Sign Language (ASL) é de fato uma língua, algo mais do que uma linguagem emergiu do submundo. Uma linguagem não fornece apenas uma forma de comunicação a uma comunidade de usuários; preserva suas memórias, encapsula suas esperanças e desejos e salvaguarda seus valores - ainda mais quando seu uso envolve arte. A língua e a cultura de um povo são inseparáveis, portanto, este volume que explora a literatura ASL é duplamente bem-vindo. (STOKOE *in* BAUMAN, NELSON e ROSE, 2006, prefácio).

De acordo com a citação apresentada, podemos entender que o conceito de língua não pode ser segregado ao conceito da cultura de um povo, da literatura para tais sujeitos. Logo, língua, cultura e literatura são conceitos indissolúveis. Um está interligado ao outro e é mediado pelo outro e todos formam o entendimento de língua comunicativa, identitária e socialmente. Com isso, Stokoe, em seu prefácio supracitado, demonstra como através da ASL o que chama de “joias da literatura” e complementa demonstrando como são inseparáveis a linguagem visual e o papel do corpo em atividade expressiva. Apresenta também no papel do corpo como o movimento como a dança está intimamente ligado à música. Acrescenta ainda que a poesia em ASL reúne dança e expressão artística, mostrando que há um significado não paradoxal no termo música silente e nos lembra de que o ritmo deriva do movimento, não do som. Revela que a literatura da língua de sinais é única e capaz de enriquecer nossa cultura cosmopolita do século XXI.

A língua não se esgota na mensagem que engendra, ela pode ir além e referir-se a outras vozes, significantes, significados, representações sociais, para além do que é dito, a voz dominadora como o que podemos observar em línguas de sinais, na literatura em língua de sinais, em suas representações sociais e identitárias, tais como a poesia social surda, as representações de SLAM² surdo, literatura de cordel surdo, no teatro surdo que até mesmo trás muitos aspectos expressivos do cinema mudo, em que o foco são as observações das cenas e até mesmo no visual vernacular (VV) – que consiste em uma mescla de narrativa, dramatização, dança e imagem. Desenvolve-se a partir de uma construção linguística visual e motora, composta por elementos dramáticos, movimentos corporais e expressões faciais ligadas às línguas de sinais com elementos da mímica e da poesia a fim de não fazer o uso, propositalmente de sinais padronizados (ABRAHÃO, 2017).

O Visual Vernacular ou VV surge como um novo estilo de expressão da arte visual. Os Surdos sentem-se representados por tal estilo que remete uma nova forma de articulação entre os sinais e a percepção humana engentrada pela visualidade. Quem a observa em atuação decorre de uma mistura de emoções, sensações e sentimentos. Observaremos em seguida, um exemplo de literatura em VV:

Conto Polonês narrado em Visual Vernacular



TIR (Visual Vernacular). Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=ll8hWJkNZO4>. Acesso em 15 de julho de 2021

² SLAM - O slam é uma competição de poesia falada criada nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980 e trazido ao Brasil em 2008 por Roberta Estrela D'Alva. Originário do inglês, o termo slam quer dizer batida. Algo semelhante a uma pancada. (<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia>. Acesso em 15/07/2021).

TIR- é um conto sobre como pequenas decisões, frações de um segundo, podem afetar a vida humana. Na narrativa um homem atravessa a rua, entra no caminhão e inicia o percurso. Depois de um tempo, ele percebe uma mulher atraente. O narrador nos dá duas opções para encerrar esta história. A primeira, em que o homem decide interessar à mulher que encontra, e a segunda, na qual ele não demonstra o interesse dela. Como se constatou mais tarde, a vida de uma garotinha inocente que passa pela cintura tomando sorvete pode depender dessa curta decisão.

No caso do gênero literário em questão, podemos observar que a visual vernacular não atua somente na poesia, ela perpassa outros gêneros como a narrativa. Uma narrativa visual repleta de singularidades linguísticas próprias da língua viso-espaco-gesto-visual e tal como a apresentação supracitada.

No Brasil, temos o poeta visualista vernacular chamado Fábio de Sá. Na entrevista da TV CES Rio Branco³ - disponível no YouTube, o poeta apresentou como ganhou o prêmio de poesia SLAM do corpo. O SLAM do corpo é uma batalha de poesias realizada entre pessoas surdas e ouvintes.



Fábio de Sá – poeta surdo brasileiro

O poeta, em questão, menciona que “através do corpo podemos utilizar a criatividade que vem na mente e sai naturalmente através de nossas mãos”⁴. Nessa sinalização, tal qual no poema oral, a poesia em língua de sinais, há a presença de características literárias, tais como: palavras de sentido figurado, metáforas, ritmo, rima – com sinalizações mais intensas, voltadas para chamar atenção do público. O

³ Centro de Educação para Surdos Rio Branco

⁴ Trecho da fala do poeta Fábio de Sá na entrevista da TV CES Rio Branco. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zv9UGuPU7_A. Acesso em 20/07/2021

mais importante é a transmissão da literariedade para os surdos da plateia. O poeta narra com emoção que já ganhou quatro (4) prêmios, dentre eles em Santa Catarina, no sul do país.

Todo este sucesso deve-se também à formação profissional. O poeta Fábio de Sá narra que participou de um curso de Formação de Visual Vernacular com um Professor Surdo Italiano que veio ao Brasil formar outros professores surdos, o que foi um fator importante na sua formação e para o seu sucesso como poeta.

Dessa forma, entendemos que a língua representa uma lógica e uma razão política, como desempenho de toda a linguagem. A língua está a serviço de um poder em sua incerção, repetição. Toda língua é acertiva, ou seja, toda língua contempla plenamento ou seus objetivos pressupostos, tais como o da comunicação, transmissão de ideias, pensamentos, percepção da cultura de um povo e possibilidade de interpretação e realizar comparações com a de outros povos e outras culturas.

Utilizarei os conceitos de Sutton-Spence (2021) para a abordagem de cultura surda e literatura em língua de sinais. De acordo com a autora, literatura surda é feita por surdos, geralmente, membros da comunidade surda. Pode ser “criada e apresentada por surdos ou elaborada originalmente por não surdos, mas adaptada e apresentada por pessoas surdas” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 40). A maior parte das produções literárias da literatura surda são destinadas ao público surdo. Autores ouvintes e autores surdos e ouvintes em parceria também podem criar tal literatura.

A Literatura Surda em Libras é criada a partir da modalidade gestual-visual especialmente, tendo como foco: a língua. Engloba todas as línguas produzidas em línguas de sinais, como por exemplo: ASL, Libras. A Literatura permite uma “trapaça salutar da língua” segundo Barthes (1977), com a utilização da linguagem literária, criativa e imaginativa. Àquela que rompe com as barreiras do real e parte para o sensível e ideal. Portanto, a Literatura é um ponto de desconstrução na experiência do aprender e deve-se sempre emanar do prazer literário.

Na próxima seção, discutiremos o direito do Surdo à Literatura, ao domínio da leitura, do degustar dos prazeres literários, e acesso e o uso da Literatura em língua de sinais.

6 O DIREITO DO SURDO À LITERATURA

Na seção anterior, vimos que na perspectiva de Culler (1999) a literatura é muito mais do que diferenciar um texto literário de um texto não literário. É também oferecer a oportunização e o acesso à leitura de diversos tipos de livros e garantir a aquisição, o conhecimento do leitor.

O mestre Antonio Candido, nos idos de 1980, nos ensinava que a literatura é um direito humano, um bem indispensável à nossa humanização. É indispensável porque realiza funções fundamentais para o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, definindo, assim, a humanização promovida pela literatura:

“Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”
(CANDIDO, 1995, p. 254)

Antonio Candido salienta ainda que a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, adentrando nos currículos, ou seja, nos conteúdos ministrados nas escolas, e conseguindo atingir o aparato intelectual e afetivo dos receptores de tais conhecimentos. Nesse sentido, literatura, então, não corrompe e nem edifica, mas humaniza ao trazer livremente em si o que denominamos a edificação dos conhecimentos, dos saberes, das escolas literárias oferecidas pela leitura, do aparato intelectual e cultural por ela oferecido.

Ao tratarmos de literatura, na perspectiva do surdo, temos uma ruptura de “tabus”. A literatura feita pela pessoa surda ou produzida em língua de sinais que sai de um lugar periférico e assume o destaque nos âmbitos: literário, cultural, social e acadêmico. Eis que a literatura nasce, nesse sentido, como um direito inalienável para os surdos. Um direito que outrora, poderia ter sido negado à medida que não era destinado, pensado ou adquirido pelos surdos, e passa a ter uma legitimidade, pois trabalha com a essência da pessoa surda, em diversos aspectos, como o cultural, o visual e a arte.

Representando o aspecto cultural da pessoa surda, pesquisadores da surdez a entendem como um artefato cultural, que expressa singularidades da cultura e identidade surda. Strobel (2008) afirma que diversos surdos se afirmam com identificações artísticas de sua cultura, pois dessa forma utilizam-se de artefatos, ferramentas de legitimação surda. Outro aspecto marcante da construção da identidade do ser surdo é a importância da visualidade. Segundo Quadros (2003) as experiências visuais são as que passam pela visão. De acordo com a autora supracitada, a experiência é visual desde o ponto de vista físico, experimentada em: encontros, festas, histórias, os equipamentos nas casas, dentre outros, até o ponto de vista mental – os sonhos, os pensamentos, as ideias. A experiência visual da pessoa surda, vai além da experiência linguística visual com a utilização da língua de sinais. Ela vai muito além. A experiência nasce com a pessoa surda que vê o mundo com outros olhos, um olhar mais aguçado, mais detalhado. A leitura, as sensações, percepções e comunicação com o olhar.

Quando estudamos a história da educação de pessoas surdas no Brasil e por todo o mundo, entendemos que tais histórias estão permeadas de laudos e aspectos acerca da dimensão clínica da surdez. A surdez tratada em sua patologia, uma dimensão doentia que rompe com o normativo, o natural. Quando não trabalhamos com as potencialidades de nossos alunos, mas sim com as falhas, os erros, o que falta para a total excelência esperada, já iniciamos de uma maneira taxativa, de negação. Assim foi o histórico da história de educação de pessoas surdas durante séculos.

Hoje, temos uma nova visão sobre a surdez. A Surdez é vista como diferença linguística. As línguas de sinais são reconhecidas por suas gramáticas, capacidade de oferecer reflexão crítica e refletir o pensamento abstrato de seus usuários. Os discursos e as práticas emergentes no século XX endossaram uma mudança fundamental, a partir do deslocamento da visão clínica da surdez para uma visão cultural.

Nesse paradigma identitário, o surdo adquire uma identidade, língua e cultura reconhecidas e obtendo-as como direitos. O Surdo é inserido em um universo bilíngue e multicultural – Libras, identidades surdas, culturas surdas, no entanto, nascendo em um país em que a língua majoritária é a Língua Portuguesa, sua segunda língua. Mas, que pela própria Lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como sua primeira língua, também determina que a Língua Portuguesa não pode ser substituída na

modalidade escrita.

Com a promulgação da Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002, conhecida como Lei de Libras, houve o reconhecimento da língua brasileira de sinais como língua da comunidade surda brasileira. A partir dela, o decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005 realiza um aparato legal a fim de garantir os direitos dos cidadãos surdos, como a presença de intérpretes de Libras nas salas inclusivas, a oferta da disciplina Libras como disciplina obrigatória nos cursos de bacharelado, fonodialogia, a abertura de cursos de Graduação em Letras-Libras em todo o território nacional.

O Decreto 5.626 de 2005 determina em seu artigo 15 que a fim de complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Língua Portuguesa para surdos seguir-se-á na modalidade escrita. O que os linguistas chamam de modalidade, nada mais é do que um suplemento da língua. A modalidade escrita de uma língua é constituída por universos específicos de linguagem e, como tal, possuem características próprias. Logo, a pessoa Surda que naturalmente guia-se pela visualidade, que tem ou que escolheu a língua de sinais como a sua primeira língua, obterá a língua escrita, ou seja, a língua de seu país, como suplemento de sua língua dominante, no caso de surdos sinalizantes - Libras.

A medida que a Libras for mais reconhecida, utilizada, será mais conhecida e poderá desempenhar para além do poder de linguístico, mas a representação identitária, social e ideológico do povo surdo, da comunidade e de todos os usuários das línguas de sinais.

Recentemente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, acrescentou ao seu texto a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino independente. Nela a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua na sua modalidade escrita. A educação de Surdos brasileira passa a ser desvinculada da Educação Especial e singulariza o “respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva”, acrescida do capítulo: “Da Educação Bilíngue de Surdos”.

Além disso, a educação bilíngue passa a ser feita em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos. O público alvo a ser atendido passa a ser educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou

superdotação ou com deficiências associadas. Ou seja, a surdez passa a ser vista e atendida em suas especificidades.

Diante ao cenário apresentado, é engendrado aqui o questionamento: qual é o lugar estabelecido pelo ensino de Literatura na Educação de pessoas Surdas, principalmente a partir do segundo segmento do ensino fundamental até o ensino médio? Chegado ao ensino superior, refiro-me, especialmente, aos cursos de Letras-Libras e de Pedagogia bilíngue?

Tais questionamentos são demarcados por conteúdos e formas de abordagens dignos a contemplar o ensino dos conteúdos essenciais a mesma proporção que os acessados aos alunos ouvintes. Refiro-me também, ao ensino de Literatura nos cursos de Letras-Libras, pois a abordagem é vista pela essência da literatura na perspectiva da surdez e nos cursos de Pedagogia, pois, além da aprendizagem teorias de ensino os alunos terão que pôr em prática as abordagens de ensino em sala de aula para alunos surdos. Ou seja, o domínio dos conteúdos e as estratégias de ensino para tais aprendizes são essenciais para que se haja uma aprendizagem significativa⁵.

Na próxima seção abordaremos como o ensino de Literatura para os alunos surdos foi posto, na *práxis*, no decorrer dos anos e buscaremos tecer diálogos com maneiras do fazer pedagógico para o Ensino de Literatura para pessoas Surdas.

7 O ENSINO DE LITERATURA PARA OS SURDOS – DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

De acordo com Candido (1995), a literatura é a experiência fundamental para o exercício da sensibilidade humana. Ou seja, ela é uma atividade essencial ao ser humano, presente na vida cotidiana e ampla de todos nós, seres humanos. A Literatura não serve só de entretenimento, mas também pode ensinar, como um hábito cultural, narrar histórias e acontecimentos, cantar feitos dos homens, ser apresentada em prosa e versos.

Dialogando, em uma perspectiva transhistórica da experiência literária narrada

⁵ Aprendizagem significativa- ocorre quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios, em uma situação relevante para o estudante, proposta pelo professor. Nesse processo, o estudante amplia e atualiza a informação anterior, atribuindo novos significados a seus conhecimentos.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

por Roland Barthes (1971), os atos de ouvir e contar narrativas são partilhados por sociedades distintas desde os primórdios da humanidade.

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas. (BARTHES, 1971, p. 19).

Nesse sentido, o conceito de Barthes (1971) configura o pensar literário. Se fizermos uma analogia na perspectiva do ensino de Literatura para Surdos, temos, a história, a luta pelo reconhecimento das línguas de sinais no mundo e no Brasil, a consciência da identidade de um povo surdo, a luta pela ruptura da visão da surdez como deficiência e com isso, o pensamento de inferiorização da pessoa surda com limitação e incapacidade, o reconhecimento dos direitos e da identidade linguística, o modo de ver o mundo na perspectiva visual, a maneira de vida das pessoas surdas, adaptações em suas casas, tal como a campainha que é iluminada, ao invés do efeito sonoro, as piadas e o humor surdo.

Tais representações simbólicas, tais como as supracitadas no parágrafo anterior, representam os elementos identitários que servirão de base para os temas literários. Pois, o aluno surdo precisa conhecer a sua história, a história de luta até o reconhecimento dos direitos e que remete ao acesso linguístico que esse estudante tem hoje. Fruto de uma grande luta política para que os direitos linguísticos e inalienáveis, como o acesso à Literatura, pudessem chegar aos surdos.

Um outro aspecto em observância é a modalidade de ensino, como ensinar um determinado conceito literário ao surdo sem passar pela língua de instrução - Libras? Impossível. É um direito linguístico adquirido. Como ensinar uma terminologia literária sem dialogar com a Literatura surda e o funcionamento desse conceito em língua brasileira de sinais? Eis aqui a necessidade de um docente bilíngue com formação em Português – modalidade brasileira e em Língua Brasileira de Sinais – a fim de saber dosar tal tipo de ensino e propor estratégias significativas para a aquisição dos conhecimentos. Essa é uma perspectiva de luta política e garantia dos direitos adquiridos à Educação de Surdos a ser alcançada e plenamente implementada em todo território nacional.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

A fim de alcançarmos o nosso foco, que é o de analisar como foi abordado o ensino de Literatura para pessoas surdas, realizamos uma Revisão de Literatura, que visa identificar e interpretar pesquisas publicadas acerca temática com o recorte para o ensino de Literatura para alunos surdos. Foram elencadas algumas etapas para o desenvolvimento da pesquisa (KITCHENHAN, 2004).

O planejamento da pesquisa foi feito com a finalidade de listar os primordiais estudos primários relacionados como objetivo da pesquisa, utilizamos as plataformas de bases Google Acadêmico, SciELO, Periódicos da CAPES. Foram utilizados os descritores “Literatura Surda”, “Importância do ensino de Literatura para Professores de Libras”, “Literatura em Libras”. A seleção das publicações obedeceu aos seguintes critérios: busca de publicações que tratassem das vertentes estabelecidas acima.

Dentre os resultados encontrados, foram excluídos da amostra pesquisas que não apresentavam no título ou no resumo referência à Literatura Surda, entendida como àquela que toma uma ou mais línguas por matéria-prima.

Por fim, foram analisadas cinco pesquisas realizadas dentre: tese de Doutorado e artigos científicos. As análises buscam identificar qual base teórica influenciou tais pesquisas e interpretar quais tipos de literaturas vem sendo pesquisadas, quais os poetas apontados por cada pesquisador, quais foram as categorias investigadas para a análise das obras escolhidas. É apresentada uma proposta de ensino que faz um diálogo entre o uso da Literatura Surda para a sala de aula e as estratégias do uso de literatura escrita e a perspectiva da compreensão textual.

Levantamento das publicações escolhidas

Autor	Ano de publicação	Instituição	Gênero analisado	Título
Karnopp	2008	UFSC	Disciplina: “Introdução	Literatura Surda

			aos estudos literários”	
Sutton-Spence	2014	University of Bristol, UK	Artigo	Por que precisamos da poesia sinalizada na Educação bilíngue?
Mourão	2016	UFRGS	Tese de Doutorado	Mãos que sinalizam
Mourão, Branco	2020	UFRGS	Artigo	Literatura Surda: analisando as mãos
Sutton-Spence	2021	Editores Arara Azul	Livro digital	Literatura em Libras

Elaborado pela autora

8 As publicações elencadas representam, de modo geral, as literaturas relacionadas à divulgação da cultura surda, do empoderamento dos surdos, na sua pertença social e identitária versando sobre aspectos históricos, políticos, literários.

9 As análises das publicações selecionadas. Em Karnopp (2008) de título: *Literatura Surda* apresenta o conteúdo teórico da disciplina de graduação do curso Letras-Libras da UFSC, intitulada: *Introdução aos Estudos Literários*. O material didático e acadêmico apresenta a Literatura Surda como tradição pela transmissão de histórias contadas em sinais, que se fixavam na memória das pessoas surdas e eram passadas para outros surdos de maneira sinalizada. A pesquisa marca o início dos registros em línguas de sinais em função do surgimento tecnológico pela gravação em VHS, CD, DVD, registros de imagens e fotos.

10 O material apresenta também quando o registro da Literatura Surda passou a ser feito a partir do reconhecimento da Libras e do avanço dos recursos tecnológicos que possibilitaram formas visuais do registro dos sinais. O material

cataloga e reúne textos literários, livros paradidáticos traduzidos em língua de sinais. Livros de Literatura brasileira, literatura infantil e poemas em Língua de sinais.

11 Em Sutton-Spence (2014), de título – Por que precisamos da poesia sinalizada na educação bilíngue apresenta o conceito de educação bilíngue e bicultural – ou seja, uma educação em que seja respeitada a primeira língua da pessoa surda – a Libras e bicultural, no caso do Brasil – a Libras e a Língua Portuguesa trabalhando juntas em um espaço de aprendizagem. É claro, cada uma delas em seu local de aprendizagem: L1 – Libras / L2 – Língua Portuguesa. A autora afirma que a verdadeira educação bilíngue para crianças surdas requer que crianças surdas aprendam a forma de arte surda de poesia em língua de sinais. É enfatizada a escassez de literatura de ensino sinalizada para crianças surdas, traduzidas das línguas orais ou originais em línguas de sinais.

12 A pesquisa nos traz reflexões acerca de poetas surdos do Reino Unido e mostra que crianças surdas prontamente se simpatizam com a poesia sinalizada, com o foco linguístico adequado pela formação dos professores. Também apresenta que os estudantes podem ampliar seu desenvolvimento linguístico e expressão de suas emoções e desenvolvimeto de suas habilidades linguísticas e aprendizagem de L2.

13 A tese de Doutorado, intitulada: Mãos que sinalizam de Mourão (2016) versa sobre a experiência das mãos literárias dos sujeitos surdos geradores de valores culturais à Literatura Surda. A base da pesquisa são os estudos culturais, tais como, Wrigley (1996), Hall (2007, 2011). O autor realiza entrevistas com representantes da comunidade surda brasileira a fim de conhecer suas experiências em línguas de sinais e com a literatura surda.

14 O artigo publicado no periódico científico de Mourão e Branco (2020) intitulado por Literatura surda: analisando as mãos literárias é uma produção oriunda do I Sarau arte de sinalizar: narrativa, humor e poesia ocorrido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, apresenta o registro de vários gêneros literários analisados a partir de gravações de vídeos. Os vídeos são analisados pelo conceito de Mourão (2016) da visualiterária – que “transmite os significados literários, adquiridos pelos olos do

povo surdo, e produzidos e consumidos em língua de sinais, traduzidos por meio de artefatos próprios da cultura surda”. (MOURÃO, BRANCO, 2018, p. 109).

15 Além disso, o artigo aborda conceitos da Literatura surda brasileira, tais como: o conceito dos gêneros literários da literatura surda – a performance. A performance em língua de sinais é ligada à presença corporal em tempo real, à receptividade estética e à produção de significações, ligadas “ à emoção estética⁶”. Por fim, as mãos literárias trazem a história das mãos, de empoderamento dos sujeitos surdos, quando surgem os efeitos de tal empoderamento por meio de elementos literários que transmitem e produzem as significações culturais surdas.

16 No livro digital de Sutton-Spence (2021) – Literatura em Libras, a autora auxilia a melhor compreensão da arte feita em língua de sinais – um direito dos surdos brasileiros. O objetivo do livro é conhecer as obras literárias feitas em Libras, comentar sobre elas e tentar entender melhor como é feita a Literatura nessa língua. O livro é dividido em quatro sessões : conceitos fundamentais de literatura em Libras, produção de narrativas e contos em Libras, elementos da linguagem estética de Libras, Inter-relação entre a sociedade e a literatura em Libras.

17 Podemos notar por esta pesquisa bibliográfica que as publicações selecionadas e analisadas apresentam estudos de obras que circulam, em sua maioria no âmbito acadêmico. As obras, de maneira geral, versam sobre a construção da identidade surda. Os textos marcam o empoderamento do sujeito surdo e a experiências do ser surdo. Os textos retomam as experiências com as línguas de sinais, apresentam reflexões sobre a poesia sinalizada, até mesmo para crianças surdas.

18 Conforme apresentado pela autora Sutton-Spence, publicação do presente ano desta monografia, muitas são as lacunas no âmbito da Literatura em

⁶ Emoções estéticas são emoções que são sentidas durante a atividade estética ou apreciação. Essas emoções podem ser do tipo cotidiano (como medo, admiração ou simpatia) ou podem ser específicas de contextos estéticos.

língua de sinais, principalmente em textos literários que atendam a outros níveis de ensino até o ensino superior.

19 Na próxima seção apresento uma proposta inovadora para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua. Tal proposta visa preencher a lacuna da necessidade de ensinar alunos surdos remotamente em tempos pandêmicos.

20

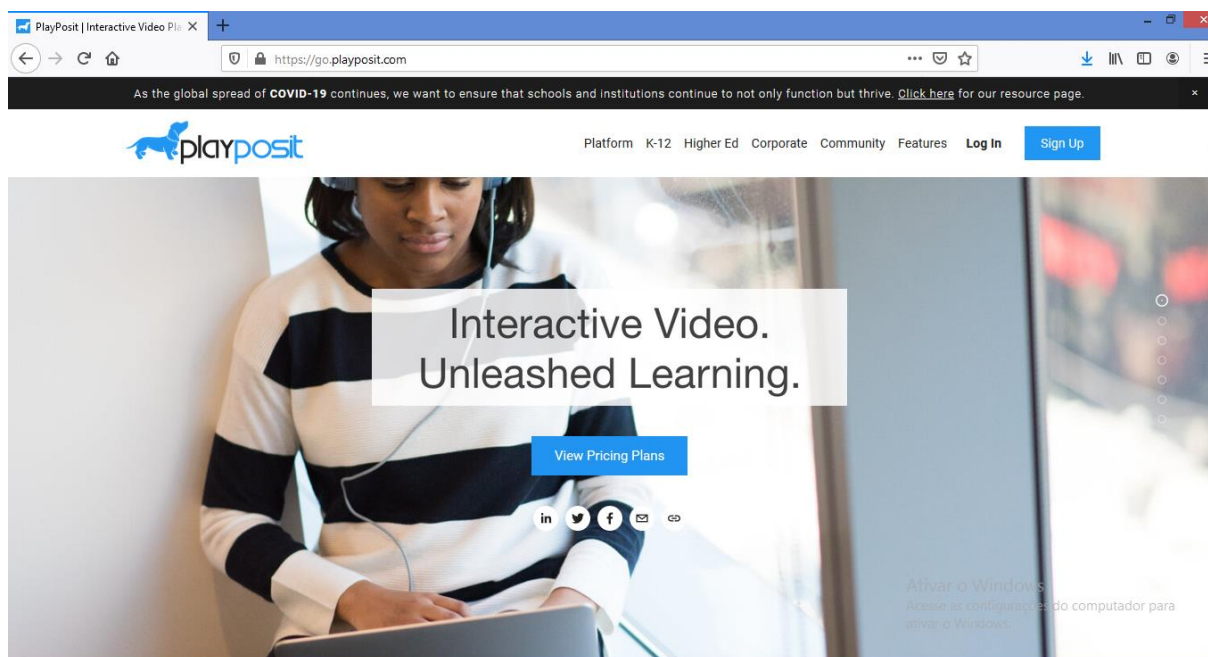
21 A proposta de ensino de Literatura escrita e Literatura em Língua de sinais

22 A proposta apresentada versa sobre a criação de um ambiente de aprendizagem on-line para criar vídeo aulas interativas e inovadoras, intitulado *playposit*. A plataforma virtual foi desenvolvida pela *AT&T e Stanford's startX* permite que os professores insiram questões, imagens, textos, vídeos. Pode ser usado em *flipped classroom e blended learning*⁷. Tal modelo de ensino com estratégias tecnológicas podem ser utilizadas em salas de aula de ensino remoto ao híbrido, principalmente em tempos de pandemia de COVID-19.

23 Depois de escolher o vídeo pode-se fazer cortes, adicionar perguntas em pontos determinados pelo professor, para que elas surjam no momento desejado. As perguntas podem ser de múltipla escolha e discursivas, com a possibilidade de inserção de vídeos baixados do YouTube. O professor pode inclusive incluir informações e dicas, criar salas, incluir seus alunos e acompanhar o desempenho individual dos alunos.

Ambientação inicial da plataforma

⁷ Uma sala de aula invertida é uma forma de aprendizagem combinada. Nesta abordagem específica, a parte online do curso é usada para compartilhar novas informações com os alunos antes do horário de aula presencial.



Fonte: Tela inicial do Playposit.

Descrição da criação da atividade

Foi escolhido o poema em língua de sinais intitulado “Mudinho” de Edinho Santos. O vídeo foi extraído da plataforma *Vimeo*. O poema foi proferido de forma sinalizada no evento *Slam* do corpo em São Paulo.

Diante a plataforma *playposit* foi inserido o vídeo supracitado que está disponibilizado na plataforma *Vimeo*⁸. Foram incorporadas questões de natureza escrita a fim de acompanhar a compreensão e o desenvolvimento linguístico do aluno surdo. O comando da questão apresentado em língua de sinais, o uso do texto do *Slam* em língua de sinais reafirma a cultura e a identidade surdas. As questões circundam em torno da temática da personagem principal e referem-se a três divisões: questões de interpretação de texto por inferência, centradas no gênero poético. As questões foram pensadas na importância da visualidade para a pessoas surda pelo uso da língua de sinais para o comando das questões, respostas direcionadas para gravação de vídeos em Libras e também nas estratégias de ensino de língua Portuguesa como L2 para surdos. Na primeira questão, a palavra principal aparece em caixa alta a fim de chamar atenção do aluno surdo. Mesmo que ele não conheça

⁸ <https://vimeo.com/242497402>

todas as palavras da sentença irá focar em uma palavra: PRINCIPAL, ou seja, ele visualizará e entenderá que a pergunta está encontrada em algo que é principal do vídeo.

Questões optativas:

1- Qual assunto PRINCIPAL do poema?

Preconceito /Amizade /Natureza / Utopia

2 – O eu-lírico – a voz que clama na poesia é?

Mulher / criança / velho / homem

Questões discursivas em Libras:

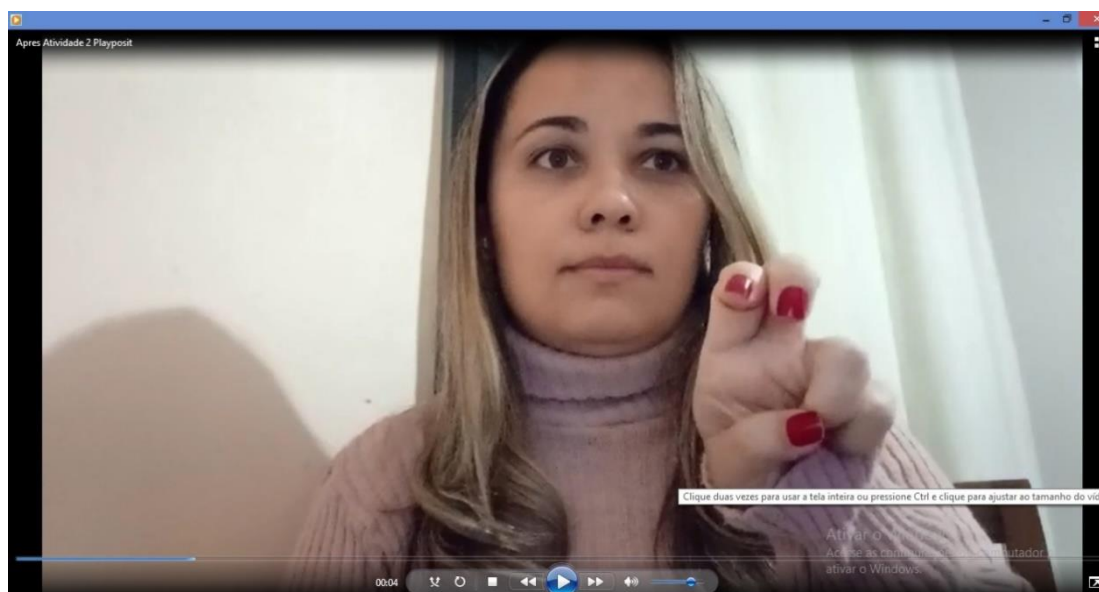
3 – O tempo passa na poesia? Como? Explique com vídeo em Libras.

4 – Edinho passa uma mensagem no poema? Qual? Explique em Libras.

Questões discursivas em Português/L2:

5- Agora, escreva em Língua Portuguesa escrita a resposta da pergunta nº 4. Lembre-se que a língua Portuguesa é a L2 para os alunos surdos, por isso não tenha medo de escrever.

Tela da atividade de Língua Portuguesa na Plataforma *Playposit*⁹



⁹ <https://app.playpos.it/go/share/1349776/1514049/0/0/VINHETA-CONTAGEM-REGRESSIVA-10-Segundos>

Fonte: autoria própria

Todas as questões foram criadas pensando na Base Nacional Comum Curricular (2017) e no currículo do Estado do Rio de Janeiro (2012) para a 2ª série do ensino médio, que dialogam conforme o quadro 2:

Base Nacional Curricular Comum (BNCC)	CURRÍCULO DO ESTADO DO RJ
Competências específicas e habilidades	Leitura
(EM13LGG201) Utilizar adequadamente as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso	Identificar o texto poético
(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação; (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.	Recursos da linguagem poética
Competências específicas - Língua Portuguesa	Uso da língua
(EM13LP16) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.	Compreensão, interpretação e análise de poemas

Fonte: Elaborado a partir da leitura da BNCC (2017) e do Currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro (2012)

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final dessa pesquisa, observarmos que os principais estudos da área, concentram-se em pesquisas que reafirmam os aspectos da identidade surda. Salienta-se, ainda, a escassez de pesquisas na área de Literatura Surda, Literatura de Sinais e Ensino de Literatura para Surdos, seja na perspectiva da apropriação da Literatura como disciplina do ensino médio, centrada nos estilos de época e na historiografia, seja no termo Literatura como prazer literário.

Há uma clara necessidade de ampliação de investigações e pesquisas diante às propostas de ensino de Literatura a partir da língua de sinais, Libras como língua de instrução perpassando pela língua portuguesa, em sua modalidade escrita como L2. Ou seja, uma se amparando na outra. Nesse sentido, a medida que utilizarmos a primeira, ampliaremos os conhecimentos e aptidões linguísticas para a segunda.

Através do mapeamento das principais pesquisas sobre Literatura Surda investigadas no Brasil, observa-se que as Universidades pouco investem em pesquisas que tratem de Literatura para Surdos. Tal resposta parece demarcar que não conseguimos trabalhar com os conceitos de Literatura surda, literatura em línguas de sinais nem mesmo reforçar o uso viso-espacial das línguas de sinalização e reafirmar a cultura e identidade desses sujeitos, nem mesmo oferecer um espaço para entendermos melhor a perspectiva linguística e a visão de mundo da pessoa surda.

Dessa forma, conseguimos responder as perguntas da pesquisa: qual é o lugar estabelecido pelo ensino de Literatura na Educação de pessoas Surdas, principalmente a partir do segundo segmento do ensino fundamental até o ensino médio, chegando ao ensino superior? Esse lugar parece um local de espera. Espera de promessas. Promessas de que teremos mais Professores bilíngues, fluentes em Libras atuando em sala de aula com alunos surdos, intérpretes em número adequado, interesse do Governo Federal, Estados e Municípios em investir em políticas de implementação de ensino bilíngue (Libras-LP/L2). Interesse de pesquisadores das Universidades em abrir espaços para investigações e de mais pesquisas na temática em questão.

Necessita-se de mais propostas de ensino que valorizem a Literatura surda, fazendo o uso da Libras como língua de Instrução, dialogando com a base nacional curricular comum e o Currículo dos Estados, como a proposta apresentada nessa monografia que diálogo com o currículo base do Estado do Rio de Janeiro.

Conseguimos estabelecer diálogos entre a Literatura escrita e a Literatura em língua de sinais, mas para tal, é fundamental que os profissionais de ensino bilíngue tenham competências linguísticas e fluência em ambas as línguas - Libras e língua portuguesa com formação acadêmica em ambas as línguas. De caso contrário, as inferências necessárias para as proposições de um ensino bilíngue que garantam ao estudante surdo uma posição de igualdade com os alunos ouvintes como para o ENEM, um vestibular, uma entrevista e emprego podem ficar prejudicadas.

Concluo, observando a importância de inserirmos o aluno surdo no mundo digital, entendendo que ele mereça também um professor formado com qualificação adequada, que de preferência leccione em sua L1, que proponha atividades de acordo com a sua faixa etária, com o currículo nacional pertinente e que no final desse processo seja capaz de refletir, criticar, pensar e criar novos textos literários.

As mãos para os surdos representam empoderamentos culturais, históricos, identitários. Influenciemos e motivemos nossos alunos a ousar e a participar de mais saraus literários, jornadas de SLAM, criação de textos poéticos sinalizados e/ou escritos. Dessa forma, estaremos motivando a criatividade, a beleza literária, a vida de muitos poetas surdos que podem descobrir um amor pela literatura, um amor pela escrita literária em Língua Portuguesa escrita, pelo contar, recontar e criar literatura.

24 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. **Literatura Surda em performance**: considerações sobre a arte visual vernacular (VV). 2017. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522245161.pdf. Acesso em: 02 de maio de 2002.

AGOSTINHO, Sto. **As Confissões**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d

BARTHES, R. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. R. **Aula** inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. E posfácio de LEYLA PERRONE-MOISÉS. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL. **LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

_____. **DECRETO FEDERAL nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CULLER, J. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

KARNOPP, L. **Literatura Surda**. Disciplina de graduação do curso Letras-Libras da UFSC. Florianópolis, 2008.

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews**. Joint Technical Report, Keele University Technical Report and Empirical Software Engineering National ICT Australia Ltd., p.33, 2004.

MOURÃO, C. **Literatura surda**: experiência das mãos literárias. Tese de Doutorado em educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre. 2016

_____. BRANCO, B. **Sarau Arte de Sinalizar**: Narrativa, Humor e Poesia. In. Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas. SILVA, A.R. da; KARIM, T.M. (Orgs.) / Cáceres: Unemat Editora, 2018. Semestral (Ref.: jan.2018-jul.2018) V.24, Ano 15, n.1(2018). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3041>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

_____. **Literatura Surda**: analisando as mãos literárias do I sarau arte de sinalizar. Revista Espaço. (2020)

PLATÃO, **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

QUADROS, R. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos**: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista*, Florianópolis, nº 5, p. 81-111, 2003.

STOKOE, W. F. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. In: BAUMAN, Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE,

Heidi. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. Los Angeles: University of California Press, 2006.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STUTTON-SPENCE. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n 2/2014, Editora UFPR, 2014.

_____. *Literatura em Libras*. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

Sobre as autoras

Fabiana Ferreira Braga Madeira

Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (2021). cursou Pós-Graduação em Leitura e Produção Textual pela Universidade Federal Fluminense (2013). Professora licenciada em Língua Portuguesa (Português/Francês) pela Universidade Federal Fluminense (2007). A experiência no magistério estende-se como Professor Efetivo no Colégio Estadual Cizínio Soares Pinto (2010- ???) e Colégio Salesiano Região Oceânica (2014 - ???). Na pesquisa, tem se dedicado às áreas de Psicolinguística Experimental e Leitura.

Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos

Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Bilíngue do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Professora Adjunta II da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com atuação na Faculdade de Letras, no Setor de Estudos Literários do Departamento de Letras/Libras. Leciona na graduação e na Pós-Graduação, dentro dos cursos de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil e em Libras: ensino, tradução e interpretação. Integra os projetos de extensão *Imagens em diálogos* (EBA/UFRJ) e *Imagens Surdas* (FL/UFRJ/CNPq), que coordena. Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura (2001) e Doutora em Literatura Comparada (2006) pela Universidade Federal Fluminense.